

A Pré-História do *Code-Switching*

O *code-switching* é atualmente um dos pilares da literatura em línguas em contato, tendo sido estudado, dentro da Linguística, sob perspectivas diferentes, a saber: sócio-pragmática e sintático-gramatical. O banco de dados *Linguistics and Language Behavior Abstracts* aponta a existência de mais de 1800 artigos sobre o tema entre 1990 e 2006. Alguns periódicos dedicaram números especiais a este fenômeno, como por exemplo, *World Englishes* (1989), *Journal of Multilingual and Multicultural Development* (1992), *Bilingualism: Language and Cognition* (2000) e *Journal of Pragmatics* (2000, 2005). Ainda, vários livros voltados unicamente ao *code-switching* têm sido publicados desde o fim da década de 80, como Appel e Muysken (1987), Heller (1988), Jacobson (1990, 1998), Myers-Scotton (1993a, 1993b, 1998), Milroy e Muysken (1995), Auer (1998, 1999), MacSwan (1999), Muysken (2000), e Nicol (2001).

Apesar do grande número de publicações recentes sobre o *code-switching*, elas raramente mencionam a história deste campo de pesquisa anterior à década de 70. Em geral, os pesquisadores apontam o estudo de Blom e Gumperz (1972), intitulado “Social meaning in linguistic structures”, sobre o *code-switching* entre ranamål e bokmål, dialeto e língua padrão do norueguês, como o principal artigo pioneiro voltado a este fenômeno, e que, portanto, estabeleceu os fundamentos para a pesquisa atual em *code-switching*:

“Podemos datar o interesse corrente no CS [*code-switching*] da publicação de 1972 de um estudo de Jan Blom e John Gumperz numa coleção de leituras em sociolinguística editada por Gumperz e Dell Hymes (1972). Blom e Gumperz (...) lidam, não com o CS entre línguas, mas com o CS entre dialetos do norueguês em Hemnesberget, uma vila de pescadores norueguesa. O artigo (...) estimulou uma enxurrada de investigações do CS entre línguas.”

(Myers-Scotton, 1993b, p.46)

Myers-Scotton (1993b), num capítulo introdutório em que revisa a literatura em *code-switching* que precede a publicação de sua pesquisa – atualmente considerada obra de referência sobre a análise sociolinguística do tema –, mencionou alguns outros trabalhos publicados no fim da década de 60 voltados ao estudo desta prática linguística (Clyne, 1969, 1972; Hasselmo, 1970,

1972; Stewart, 1968), mas a autora não os considerou significativos na afirmação do *code-switching* como objeto de pesquisa na área de línguas em contato, uma vez que não estavam amplamente disponíveis ou porque a alternância entre códigos não era seu foco principal. Milroy e Muysken (1995a) também reconheceram a influência do estudo de Blom e Gumperz na pesquisa sobre o *code-switching*, além de terem mencionado outros dois pioneiros no campo de línguas em contato: Fishman (1965), com seu artigo sobre porto-riquenhos em Nova York, e Clyne (1967, 1972), “um pioneiro na Austrália no campo de bilingüismo e *code-switching*” (Milroy & Muysken, 1995, p.6) com seus estudos sobre imigrantes alemães e holandeses na Austrália. Logo, por mais que o estudo desta prática discursiva tenha tido sua relevância legitimada somente após a publicação do artigo de Blom e Gumperz, o termo *code-switching* já havia sido discutido na literatura em línguas em contato.

Entretanto, antes mesmo destes estudos das décadas de 60 e 70, encontramos alguns trabalhos clássicos sobre bilingüismo que, mesmo sem terem lidado diretamente com o *code-switching*, abriram o caminho para a pesquisa atual sobre os fenômenos de línguas em contato. Os pesquisadores Haugen (1953, 1956) e Weinreich (1953), com suas publicações sobre a interferência lingüística no discurso bilíngüe, foram os precursores do estudo sobre o repertório lingüístico das comunidades bilíngües. No entanto, os autores devotaram pouca atenção ao *code-switching*, uma vez que naquela época a alternância entre códigos ainda era vista como uma ocorrência negativa provocada pela falta de habilidade de bilíngües em diferenciar sistemas ou subsistemas lingüísticos. Haugen (1953), por exemplo, atribuiu a alternância entre códigos ao conhecimento inadequado de uma segunda língua, e Weinreich (1953) sugeriu que esta prática envolvia padrões comportamentais desviantes.

3.1.

De *switching code* a *code-switching*

Embora *code-switching* seja atualmente o termo mais amplamente aceito para descrever o uso alternado de duas línguas ou variedades lingüísticas dentro de uma mesma interação conversacional, esta prática discursiva sofreu inúmeras

alterações conceptuais. Este fenômeno foi chamado inicialmente de *switching code*, e ainda encontramos na literatura instâncias de *code-mixing*, *language alternation*, *codeshifting*, *language mixture* e *language switching*.⁹ Acredita-se que o termo *code-switching* foi utilizado pela primeira vez na década de 50 nos estudos em bilingüismo. Weinreich (1953) não fez uso da expressão em seu clássico *Languages in Contact*, mas já mostrava conhecimento deste comportamento lingüístico, pois afirmou, de maneira prescritiva, que o “bilíngüe ideal” não deveria alternar entre códigos:

“O bilíngüe ideal alterna de uma língua para outra de acordo com mudanças apropriadas na situação de fala (interlocutores, tópicos, etc), mas não numa situação de fala não modificada, e certamente não dentro de uma única sentença.”

(Weinreich, 1953, p.73)

Weinreich referiu-se ao fenômeno de alternar entre línguas como *switching code*, fazendo alusão a Jakobson, Fant e Halle (1952), que integraram a noção de *código*, um mecanismo não-ambíguo de transmissão de sinais entre sistemas, à teoria da informação de Fano (1950) e à idéia de sistemas fônicos coexistentes da fonologia estrutural (Fries e Pike, 1949):

“Obviamente, tal tarefa de decifrar torna-se mais difícil nos casos freqüentes denominados ‘switching code’ pelos engenheiros da comunicação [Fano, 1950] ou ‘sistemas fônicos coexistentes’ pelos lingüistas [Fries & Pike, 1949]. A aristocracia russa do último século, com o seu discurso bilíngüe – alternando continuamente do russo para o francês e vice-versa, mesmo dentro de uma única sentença – fornece uma ilustração única.”

(Jakobson, Fant & Halle, 1952, pp.603-4)

The Oxford English Dictionary (1989) erroneamente atribuiu o primeiro uso do termo *code-switching* ao engenheiro da informação Pulgram (1959), que, por sua vez, também creditou aos engenheiros da comunicação, em particular Fano (1950), o surgimento do termo. Segundo Fano (1950), *switching code* – e não *code-switching* – é um fenômeno estritamente psicológico de tradução de

⁹ Estes termos são aqui apresentados em inglês, uma vez que a literatura inicial em *code-switching* foi toda produzida em inglês. Traduções aproximadas seriam, respectivamente, “mudança de código”, “mistura de códigos”, “alternância entre línguas”, “troca de códigos”, “mistura entre línguas” e “troca de línguas”. Deve ficar claro para o leitor que cada uma destas nomeações não é arbitrária, mas sim, reflete um determinado ponto de vista e um aspecto em especial da alternância entre códigos.

padrões de frequência dos sons da fala em imagens mentais saussurianas e vice-versa:

“A análise espectrográfica tem indicado que os diferentes sons da fala utilizados por qualquer falante possuem padrões de frequência facilmente distinguíveis que são essencialmente estacionárias com o tempo. (...) Se consideramos estes padrões de frequência como grupos de códigos, parece que diferentes falantes utilizam, neste sentido, de alguma maneira códigos diferentes. Estes códigos são armazenados no cérebro do falante que utiliza o código apropriado a cada caso. Novos códigos são continuamente aprendidos sempre que novas pessoas se encontram, particularmente pessoas pertencentes a diferentes grupos lingüísticos. (...) Ainda, estamos geralmente conscientes de ‘switching code’ em nosso cérebro, particularmente quando uma mudança de língua acontece.”

(Fano, 1950, pp.695-6)

Nos estudos em bilingüismo, Haugen (1950), num artigo pioneiro sobre empréstimos lingüísticos, não utilizou o termo *code-switching*, mas referiu-se a este fenômeno da seguinte maneira: “Eles [os falantes bilíngües] podem trocar rapidamente de uma [língua] para outra, mas em um dado momento, eles estão falando somente uma”. A literatura sobre os primórdios do *code-switching* credita a primeira ocorrência da expressão *code-switching* a seu *Bilingualism in the Americas* (Haugen, 1956), quando, ao definir interferência, o pesquisador afirmou que ela “não inclui, portanto, o code-switching que ocorre quando um bilíngüe introduz uma palavra completamente não-assimilada de outra língua em sua fala” (p.40).

Entretanto, o uso documentado mais remoto do termo *code-switching* parece ter aparecido numa resenha de Vogt (1954) sobre *Languages in Contact*, de Weinreich (1953), em que o autor assume que o *code-switching* é um fenômeno natural e comum, que todas as línguas possuem experiências de contato, e que tais fenômenos são elementos importantes na mudança lingüística. Ainda, Vogt aponta que a alternância entre códigos possui motivações sócio-psicológicas:

“Bilingüismo é um termo universal, pois nenhuma língua que conhecemos foi falada por um longo período em completo isolamento. É mesmo possível que o bilingüismo é um dos principais fatores nas mudanças lingüísticas (...). O code-switching em si talvez não seja um fenômeno lingüístico, mas sim, psicológico, e suas causas são obviamente extralingüísticas.”

(Vogt, 1954, p.368)

Logo, o termo *code-switching* evoluiu da expressão *switching code*, proveniente dos estudos da teoria da informação e da fonologia estrutural, e seu primeiro uso deve ser creditado a Vogt (1954). Apesar de atualmente ser fácil traçar a origem do termo na teoria da comunicação, os pesquisadores atuais em geral aceitam o termo *code-switching* sem levar em conta suas origens e seu desenvolvimento. Com a lexicalização deste termo, o autor promoveu uma quebra saliente de uma compreensão de *switching code* como uma mistura randômica entre sistemas fonêmicos a serem codificados e decodificados em situações de bilingüismo e a idéia de *code-switching* como um código próprio de alternância, que reflete a dupla identidade étnico-cultural do falante bilíngüe.

3.2.

Estudos de *code-switching* anteriores a 1950

Mesmo antes da utilização dos termos *switching code* e *code-switching*, alguns pesquisadores já haviam identificado este fenômeno lingüístico, embora seus trabalhos não apresentassem descrições detalhadas do *code-switching*, uma vez que os pesquisadores consideravam este fenômeno um desvio, ou mesmo uma anomalia do discurso bilíngüe; portanto, sua análise era considerada desnecessária. Apesar de poucos pesquisadores estarem interessados no que hoje consideramos *code-switching*, verificamos a ocorrência de algumas análises, mesmo que superficiais se comparadas às pesquisas atuais, de alternâncias entre códigos em dois tipos principais de pesquisa, a saber: Os diários de desenvolvimento lingüístico de crianças bilíngües e as investigações lingüístico-antropológicas de comunidades bilíngües. Benson (2001), numa revisão bibliográfica sobre o que ela chamou de “pré-história negligenciada do *code-switching*”, afirmou que, mesmo que estes primeiros trabalhos não estivessem voltados exclusivamente ao estudo do *code-switching*, seu caráter descritivo e sua abordagem sincrônica à linguagem anteciparam muitos dos trabalhos posteriores sobre o *code-switching*.

3.2.1.

Diários de crianças bilíngües

Antes do advento dos estudos psico e neurolingüísticos de aquisição da linguagem, o método de pesquisa corrente acerca do desenvolvimento lingüístico infantil era o uso de diários em que os pesquisadores gravavam e tomavam notas das habilidades de produção e/ou compreensão de crianças, na maioria das vezes seus próprios filhos, durante vários estágios do seu desenvolvimento. O primeiro estudo detalhado sobre bilingüismo em crianças foi conduzido por Ronjat (1913), que descreveu a aquisição simultânea de francês e alemão por seu filho Louis e chegou à conclusão de que a separação das línguas de acordo com o que chamou de fórmula de Grammont – *uma pessoa - uma língua* – facilita o aprendizado. Segundo este princípio, duas ou mais línguas são ligadas a uma pessoa em particular; em geral, cada um dos pais adota uma língua específica para se comunicar com seu filho. Assim, a criança associa cada uma das línguas a somente uma pessoa, tornando-se, portanto, menos passível de sofrer interferências de uma língua na outra.

O diário mais citado na literatura é o trabalho publicado em quatro volumes escrito por Leopold (1939, 1947, 1949a, 1949b) sobre o desenvolvimento lingüístico de sua filha, Hildergard. O diário de Leopold é o mais extenso e complexo já publicado, uma vez que o pesquisador realizou gravações do desenvolvimento lingüístico de sua filha por mais de quinze anos. No primeiro volume, o autor analisou o vocabulário de sua filha; no segundo, a aquisição do sistema sonoro (leia-se fonético); no terceiro, Leopold discutiu a gramática e problemas no desenvolvimento lingüístico de Hildergard; e no quarto, mostrou gravações do desenvolvimento da menina e de sua irmã a partir dos dois anos de idade.

“[Nos estudos de Leopold] muitos dos temas centrais da pesquisa sobre o bilingüismo em crianças são analisados: a separação entre as duas línguas; o papel influenciador do interlocutor; o caráter assimétrico da competência bilíngüe; a influência da língua dominante na mais fraca.”

(Milroy & Muysken, 1995, pp.4-5)

Leopold também seguiu o princípio de Grammont sugerido por Ronjat (1913), pois a mãe interagiu com a filha em inglês, e o pai, em alemão com

ambas. Assim a figura da mãe estava associada ao inglês, e a do pai, ao alemão. O autor ressaltou o uso de *code-switching* no discurso da filha com 1.9 ano, ao afirmar que a menina “não hesita[va] em misturar palavras em alemão e em inglês em suas sentenças” (Leopold, 1939, p.161). O autor forneceu, ao longo dos quatro volumes publicados, inúmeros exemplos de interações verbais de Hildergard; entretanto, poucos continham ocorrências concretas de tal mistura, muito menos uma tentativa de explicar a prática de alternar entre códigos. Contudo, em alguns exemplos fornecidos pelo pesquisador para demonstrar a consciência lingüística de sua filha, notamos a presença de *code-switching* servindo à função de clarificação:

(26) Inglês – *alemão* (Leopold, 1947, p.179):

Mãe: What did Mama tell you?

(O que a mamãe te falou?)

Filha: No, no.

(Não, não.)

Mãe: Don't you know what 'no, no' means?

(Você não sabe o que “não, não” significa?)

Filha: *Nein, nein.*

(*Não, não.*)

(27) Inglês – *alemão* (Leopold, 1949a, p.31):

Filha: What is in you, Papa?

(O que é isso em você, papai?)

Pai: *Knochen.*

(*Ossos.*)

Filha: Beans?

(Feijão?)

Pai: *Nein, bones.*

(*Não, ossos.*)

Filha: *Bohnen.*

(*Feijão.*)

(28) Inglês – *alemão* (Leopold, 1949a, p.46):

This a *Wasser* – water.

(Isto é *água* – água.)

Já os enunciados a seguir mostram ocorrências mais significativas de *code-switching*, embora também apresentadas sem explicações por parte do autor:

(29) Inglês – alemão (Leopold, 1949b, *apud* Benson, 2001, p.27):

I can't give you a *Kuss* because I have a *Schmutznase*.

(Não posso te dar um *beijo* porque estou *com o nariz escorrendo*.)

(30) Inglês – alemão (Leopold, 1949b, *apud* Benson, 2001, p.27):

But *manchmal* I make mistakes in German and in English.

(Mas *às vezes* eu cometo erros em alemão e inglês.)

Smith (1935), por sua vez, apresentou reflexões interessantes acerca da alternância entre códigos no trabalho que publicou com base nas anotações de uma mãe do vocabulário em aquisição de seus filhos numa família bilíngüe inglês-chinês no fim do século XIX. Apesar deste estudo não ter fornecido exemplos explícitos de *code-switching*, as crianças utilizavam algumas palavras chinesas em seu discurso em inglês, como “mei-me” (“irmã mais nova”), “koo-koo” (“irmão mais velho”) e “sz-poo” (“fralda”). A relevância do estudo de Smith deve-se ao fato da autora ter antecipado estudos posteriores de *code-switching* ao buscar explicitar a razão da mistura de códigos. A autora apontou que algumas palavras não possuíam equivalente em inglês, como “mei-me” e “koo-koo”, ou eram utilizadas para referência a palavras consideradas tabus na conversa polida em inglês na época, como “sz-poo”.

3.2.3.

Estudos lingüístico-antropológicos

Ao mesmo tempo em que estes diários do desenvolvimento lingüístico de crianças bilíngües estavam sendo compilados, alguns estudos lingüístico-antropológicos de comunidades bilíngües também revelavam instâncias de *code-switching*, como apontou Benson (2001):

“Os estudos principais sobre línguas em contato costumavam analisar as situações em comunidades bilíngües americanas como uma questão de influências unidirecionais ou bidirecionais através das quais uma ou ambas as línguas adotam mudanças fonéticas, lexicais e sintáticas ao decorrer do tempo ou mesmo se misturam para formar uma ‘nova’ língua.”

(Benson, 2001, p.28)

Antes da década de 50, encontramos dois estudos lingüístico-antropológicos que renunciaram a pesquisa atual em *code-switching*, baseados na análise de dados de produção em comunidades falantes de espanhol nos Estados Unidos (Espinosa, 1911, 1917; Barker, 1947). Como vimos anteriormente, estes trabalhos ainda não faziam uso do termo *code-switching*, mas apresentam muitas características similares aos estudos atuais sobre esta prática discursiva. Assim como análises mais recentes, estes trabalhos examinaram o uso sincrônico da língua, os fatores que governam a escolha lingüística, distinguiram a alternância entre códigos de outros fenômenos lingüísticos, e buscaram explicar as motivações sócio-psicológicas subjacentes à alternância entre códigos.

A ocorrência mais remota da pesquisa sobre a alternância entre códigos vem do trabalho do dialetologista e folclorista Espinosa (1911, 1917) sobre comunidades hispano-americanas. Em seus dados, o pesquisador notou que a produção oral de bilíngües envolvia a alternância freqüente entre as duas línguas envolvidas (espanhol e inglês). Enquanto muitos pesquisadores daquela época acreditavam que a mistura entre línguas fosse resultado de falta de inteligência ou domínio insuficiente de uma das línguas envolvidas, Espinosa identificou a alternância entre códigos como um fenômeno independente de níveis de educação e classe sócio-econômica. O autor denominou a alternância entre códigos de *speech mixture* (“mistura de fala”) e apresentou alguns exemplos desta mistura:

(31) Espanhol – *inglês* (Espinosa, 1917, *apud* Benson, 2001:31):

Vamos ir al *football game* y después al baile a tener *the time of our lives*.
(Iremos ao *jogo de futebol* e depois ao baile para ter *o tempo de nossas vidas*.)

(32) Espanhol – *inglês* (Espinosa, 1917, *apud* Benson, 2001:31):

!que *fine ice cream*!
(Que *sorvete bom*!)

(33) Inglês – *espanhol* (Espinosa, 1917, *apud* Benson, 2001:31):

How are you, *señoritas*?
(Como vocês estão, *senhoritas*?)

Entretanto, assim como os pesquisadores que o seguiram, Espinosa considerou a alternância entre códigos um fenômeno randômico, não sujeito a

regras gramaticais. Para o autor, *code-switching* era “simplesmente uma mistura randômica das línguas disponíveis ao falante bilíngüe” (Espinosa, 1917, p.408). Por esta razão, o pesquisador não considerou esta prática como um objeto de investigação relevante. Apesar de podermos considerar o trabalho de Espinosa a primeira pesquisa a apresentar e ressaltar o uso de *code-switching*, o pesquisador parece não ter tido grande influência no desenvolvimento da pesquisa sobre línguas em contato, como aconteceu com o estudo a seguir (Barker, 1947), que foi inclusive citado inúmeras vezes por Weinreich (1953).

O estudo lingüístico-antropológico conduzido por Barker (1947) explorou a relação entre o comportamento lingüístico e o comportamento social de bilíngües hispano-americanos no Arizona. O autor analisou as relações econômicas, as redes sociais e a geografia social dos membros da comunidade bilíngüe em Tucson. Ainda, o autor buscou responder à seguinte questão, diretamente relacionada à alternância entre códigos:

“Como acontece, por exemplo, entre bilíngües, que a língua ancestral seja utilizada numa ocasião, e inglês em outra, e que em certas ocasiões os bilíngües alternem, sem causa aparente, de uma língua para outra?”

(Barker, 1947, pp.185-186)

Barker notou que a escolha dos códigos envolvidos estava relacionada a interações sociais específicas. O autor sugeriu um *continuum* de relações interpessoais em que as interações eram dominadas de um lado pelo uso do espanhol, e de outro, pelo uso do inglês. Conversas informais entre membros de uma mesma família eram em geral conduzidas em espanhol, e interações formais com americanos aconteciam em inglês, mesmo quando os participantes eram falantes de espanhol. Em pontos intermediários do *continuum*, a escolha de código era mais flexível e a ocorrência simultânea de dois códigos (i. e., *code-switching*) ocorria com frequência. O autor observou que, nesta escala, indivíduos mais jovens alternavam entre línguas com maior frequência que outros falantes bilíngües:

“No campo das relações informais entre bilíngües, um campo em que a maior parte da vida social de jovens hispano-americanos acontece, notamos que rápidas alternâncias de uma língua para outra são comuns. Geralmente duas línguas podem ser utilizadas na mesma sentença ou sintagma. (...) Podemos dizer que a mistura de duas línguas é indicativa

da participação do grupo nativo mais jovem na comunidade mexicana de Tucson na vida social urbana.”

(Barker, 1947, pp.195-196)

O pesquisador também ressaltou que o uso de diferentes códigos era uma característica da identidade local dos membros da comunidade bilíngüe de Tucson, pois “a língua étnica simboliza o grupo e seu background cultural, ou, em termos de sua função social, para identificar o grupo como um grupo” (p. 186).

Em suma, o estudo de Barker antecipou os métodos sociolingüísticos ao investigar as funções sociais de variedades lingüísticas. Em sua análise, o autor discutiu as motivações para a alternância entre códigos e os fatores que governam a escolha lingüística de modo bastante similar àqueles encontrados atualmente nos estudos sobre *code-switching*, redes sociais e identidade cultural. Segundo Benson (2001), o trabalho de Barker merece lugar na história do *code-switching* e da sociolingüística, uma vez que o autor não somente delineou as motivações para a alternância entre códigos, mas também os fatores que governam a escolha lingüística.

3.3.

Sumário e considerações

O artigo de Blom e Gumperz (1972), embora considerado atualmente o estudo pioneiro sobre *code-switching*, foi precedido de alguns outros trabalhos que não receberam tal visibilidade, uma vez que não estavam amplamente disponíveis ou não tratavam diretamente do fenômeno da alternância entre códigos (Stewart, 1968; Clyne, 1969, 1972; Hasselmo, 1970, 1972; Gumperz & Hernández-Chavez, 1970). Contudo, este estudo erigiu um novo patamar nas pesquisas em *code-switching* por ter colocado este fenômeno em foco, uma vez que o artigo foi publicado numa obra que se tornou referência para os novos cursos de Sociolingüística criados na década de 70. Na realidade, o trabalho de Blom e Gumperz foi fundamental no estabelecimento da pesquisa em *code-switching* tal como ela é concebida atualmente. Como contribuições fundamentais deste artigo, podemos mencionar a distinção entre dois tipos de *code-switching* – situacional e metafórico –, o que evidenciou que a alternância entre códigos

poderia servir à mesma função que a metáfora no discurso monolíngüe; além da dicotomia “we-code” *versus* “they-code”, como veremos mais adiante.

Os trabalhos de Haugen (1956) e Weinreich (1953), clássicos da literatura em bilingüismo e línguas em contato, abriram caminho para a pesquisa sobre *code-switching*, mesmo sem terem lidado diretamente com esta prática discursiva. Os autores reconheceram a existência da alternância entre códigos; porém, não a consideraram digna de estudo, pois nesta época o *code-switching* ainda era compreendido como uma prática desviante, isto é, mero reflexo da falta de conhecimento dos códigos envolvidos na alternância. Apesar de terem mencionado a prática de *code-switching* em seus trabalhos, estes pesquisadores não foram os pioneiros no uso desta expressão na literatura em línguas em contato. O primeiro uso documentado do termo – que emergiu da expressão *switching code*, dos estudos da teoria da comunicação, influenciados pela fonologia estrutural – deve-se ao pesquisador Vogt (1954), em sua resenha do livro de Weinreich (1953).

Entretanto, alguns outros trabalhos anteriores à década de 50 voltados ao bilingüismo também documentaram a alternância entre códigos, mesmo sem terem buscado explicações concretas para sua ocorrência. Os diários de desenvolvimento de crianças bilíngües (Ronjat, 1913; Leopold, 1939, 1947, 1949a, 1949b; Smith, 1935) e os estudos lingüístico-antropológicos (Espinosa, 1911, 1917; Barker, 1947) publicados nesta época até hoje se mantêm invisíveis aos olhos dos pesquisadores atuais de *code-switching*, principalmente pelo fato de tais pesquisadores terem reconhecido a revisão bibliográfica proposta por Myers-Scotton (1993b), iniciando-se com o trabalho de Blom e Gumperz, como um mapeamento suficiente dos primeiros estudos desta prática, e não terem buscado ir além do que a autora propôs. Ainda podemos apontar como fatores de sua falta de visibilidade a não utilização do termo *code-switching* em seus trabalhos, a falta de legitimidade da alternância entre códigos como tópico de pesquisa nesta época, além da tendência de pesquisa acadêmica sobre as línguas indígenas, ignorando qualquer menção às línguas de comunidades imigrantes, como foi o caso destas pesquisas iniciais.